



COSMOS

CORPO-RIO EM CRUZO

Uma dramaturgia do Núcleo Abantesma, escrita por **Henri Ferraz** e **Mandú Carvalho**, que também assina a concepção e direção. Este processo de pesquisa tem como ponto de partida as vivências de **Bhreenndo Mendes** e **Du Fernandes**, contando com **Gabs Sanguinete**, **Hugho Carvalho**, **K8 Valença**, **Wil S. Sousa** e **Will Samos** na construção do espetáculo.



Este material foi produzido durante o projeto CORPO-RIO EM CRUZO, contrato n.º 029/2025, beneficiado pelo Fundo Municipal de Cultura via Edital 008/P/2025 – Jovens Artistas. O conteúdo desta obra é de responsabilidade exclusiva das autoras e não representa a opinião dos membros do Conselho Gestor do Fundo Municipal de Cultura ou da Fundação Cultural Cassiano Ricardo.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carvalho, Mandú
Cosmos [livro eletrônico] : Corpo-Rio em Cruzo /
Mandú Carvalho, Henri Ferraz. -- São José dos
Campos, SP : Ed. dos Autores, 2026.
PDF

ISBN 978-65-02-06000-1

1. Teatro brasileiro I. Ferraz, Henri. II. Título.

26-353752.0

CDD-B869.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Teatro : Literatura brasileira B869.2

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



1ª Edição(2026) - Online - São José dos Campos/SP - ISBN n° 978-65-02-06000-1.

Obra registrada nos termos da Lei n° 9.610/1998 - Lei dos Direitos Autorais.

SUMÁRIO

NOTA DE MEDIAÇÃO.....03

PRÓLOGO - O RITO DO SOL NEGRO.....05

1º ATO

CENA 01 - RITO DE ABERTURA.....06

CENA 02 - MISTÉRIOS DA CARNE.....09

CENA 03 - VOCÊ SABIA?.....12

CENA 04 - A FARSA.....15

CENA 05 - MAIS UMA BRINCADEIRA.....17

CENA 06 - TUDO ACABA ASSIM?.....20

CENA 07 - TEMPO EM ESPIRAL.....24

2º ATO

CENA 01 - POR TODOS QUE TOMBARAM27

CENA 02 - A RECUSA DA LEI DOS HOMENS.....30

CENA 03 - DOS COROS PARTICIPAREI.....33

CENA 04 - POETAS NA PORTA DO INFERNO.....36

CENA 05 - SOM E FÚRIA.....38

CENA 06 - À MARGEM DA HISTÓRIA.....39

CENA 07 - ÁRVORE DE TODOS OS FRUTOS.....42

EPÍLOGO - MANIFESTO COSMOS.....45

REFERÊNCIAS.....46

NOTA DE MEDIAÇÃO

Este arquivo digital disponibiliza a dramaturgia de **COSMOS: CORPO-RIO EM CRUZO**, um espetáculo teatral do **Núcleo Abantesma**, um ponto de cultura e coletivo cultural de São José dos Campos/SP. Antes de sua passagem por essa experiência dramatúrgica, oferecemos este texto inicial não como um manual para a interpretação definitiva, nem como defesa prévia de nossa obra, mas como uma entrada para aquilo que, por escolha estética e política, não se atravessa com facilidade.

COSMOS não é uma obra conciliatória e não se organiza como narrativa de superação, denúncia exemplar ou pedagogia moral. Seu movimento não consiste em conduzir o público da violência à cura, da dor ao esclarecimento ou do trauma à reparação simbólica. A peça opera em um ritual de colisão, excesso, interrupção, contaminação, riso, desejo, repulsa, horror, ruído e pornografia.

Ela não oferece ao leitor ou espectador uma posição limpa de observação. Muito pelo contrário: pergunta, muitas vezes agressivamente, o que fazemos quando olhamos, consumimos, legitimamos, explicamos ou investigamos corpos dissidentes. A dramaturgia aborda temas sensíveis: xenofobia, racismo, colonialismo, deslocamento territorial, precarização cultural, censura, erotização, pânico moral, controle de corpos, violência sexual e abuso infantil são apenas alguns deles.

Esses temas não aparecem como ilustrações de uma pauta, nem como confissão transparente de sofrimento, pois o trauma nesta obra não é utilizado para barganhar comoção coletiva ou gerar empatia. Ele aparece atravessado por autoficção, ironia, farsa, blasfêmia e erotismo em um regime constante de disputa por autoria e existência. Essa escolha pode causar desconforto, em muitos momentos essa é exatamente a sensação que esperamos, pois o desconforto aqui é método.

Chamamos esta obra de **retomada do impossível** porque ela não busca uma origem pura para onde voltar, não almeja uma identidade estável a ser finalmente reconciliada. A retomada, em COSMOS, não é o retorno a um paraíso particular imaginário e outrora corrompido. Nossa retomada é uma luta incansável por vazão e contaminação, uma tentativa de arrancar o corpo dos dispositivos que o transformam em tema, vítima, estatística, fetiche, exemplo educativo ou objeto domesticado.

O CORPO-RIO nesta dramaturgia não é metáfora pacífica: é fluxo, mas também contaminação. A peça recusa a exigência de que nossos corpos socialmente marcados como queer, racializados, amazônidas, caboclos, piraquaras, precarizados, explorados e com deficiência existam de maneira utilitária, podendo ser públicos apenas quando se tornam educativos, representativos ou edificantes.

Esse cruzo é uma aparição que carrega memória, ancestralidade, linguagem, deslocamento, sexo, excremento, lama, mercúrio, petróleo, fome e sede. Nessa travessia, o rio não encontra purificação, não se apazigua e não se contém: ele carrega, acumula e transborda. Por isso, a obra não deve ser lida apenas como texto sobre corpos dissidentes, mas como uma tentativa de produzir, na própria forma, uma dissidência da leitura.

Também é importante dizer que COSMOS trabalha com referências diversas: tragédia grega, teatro da crueldade, Shakespeare, Dante, Euclides da Cunha, Mário de Andrade, pornoterrorismo, teatro performativo, pensamento anticolonial, cultura amazônida e crítica urbana se confundem com corpo, texto, música ao vivo, videoartes e relatos autobiográficos. Essas referências não aparecem como ornamentação erudita, elas são convocadas, deformadas, decompostas e colocadas em crise. A peça não reverencia o cânone, mas atravessa-o com um corpo que não reivindica lugar pacífico no fazer cultural, investigando o quanto de captura, violência e fetichização está embutido nos próprios mecanismos que definem o que pode ser reconhecido como arte ou cultura.

Esta nota também reconhece os riscos de nossa obra. Nossa criação lida com materiais perigosos: memória traumática, sexualidade explícita, exposição corporal, relato autobiográfico e crítica institucional. Nenhuma dessas dimensões deve ser consumida com neutralidade. A obra não pede um olhar puritano, mas também não autoriza um olhar irresponsável. A mediação que propomos não pretende proteger a dramaturgia de seus conflitos, mas lembrar que esses conflitos são parte constitutiva da própria experiência. A violência formal da peça não existe para banalizar a violência histórica, pelo contrário: existe para impedir que essa violência seja absorvida com conforto.

Ao publicar nossa dramaturgia, não buscamos fixar uma interpretação definitiva de nossa pesquisa. O texto teatral é apenas uma das formas de COSMOS existir, em cena, ele se altera pela presença, pelo corpo nu, pela proximidade do público, pela iluminação, pelas projeções, pelo som e pelo risco do acontecimento real. No livro, outro rito se estabelece: o da leitura. Esta edição não substitui a experiência cênica, apenas cria outra dinâmica de arquivo possível para seus rastros, seus métodos e suas contradições.

PRÓLOGO - O RITO DO SOL NEGRO

Enquanto o público entra e se acomoda em seus assentos, a peça começa. A **Diretora (Mandú)** assume a cabine técnica, **Bhreenndo Mendes** e **Du Fernandes** estão em um 69 no meio do palco, há dois microfones ao lado das artistas, fazendo ecoar o barulho de lambidas, baba, grunhidos e gemidos, que preenche todo o espaço.

A cena é acompanhada por uma livre adaptação do poema “Tutuguri: O Rito do Sol Negro”. O texto é parte da obra “Para acabar com o juízo de Deus”, escrita por Antonin Artaud em 1947. Nossa adaptação é baseada na tradução de Olivier Dravet Xavier.

Diretora (Mandú): E lá embaixo, no pé da encosta amarga, cruelmente desesperada do coração, abre-se o círculo das seis cruces...

Bem lá embaixo, como se incrustada na terra amarga e desincrustada desse imundo abraço da mãe que baba.

A terra do carvão negro é o único lugar úmido nessa fenda de rocha. Este Rito é o Novo Sol, passando através de sete pontos antes de explodir no orifício da terra.

Há seis homens, um para cada sol, mas há também um sétimo homem, que é o sol cru vestido de negro e carne viva. E o sétimo homem é um cavalo, um cavalo com um homem conduzindo-o, pois é o cavalo que é o sol e não o homem...

No dilaceramento de um tambor e no soar de uma trombeta longa estranha, os seis homens que estavam deitados tombados no rés-do-chão brotaram um a um como girassóis... não sóis, porém solos que giram em lótus d'água.

Entre os que brotaram, cada um corresponde àquela percussão de forma cada vez mais sombria e irrefreável, até que de repente chega a galope, a toda velocidade, o Último Sol.

O primeiro homem...

O cavalo negro com um homem nu, absolutamente nu e virgem, por cima.

1º ATO – CENA 01 – RITO DE ABERTURA

Du: Retomada. Substantivo feminino. Reconquista ou recuperação: ação ou efeito de retomar, de voltar a possuir. Re-to-ma-da. Do verbo “retomar”, junção do prefixo “re”, que indica uma volta, com o verbo “tomar”.

Bhreenndo: Cu. Termo popular para orifício na extremidade inferior do intestino grosso, por onde se expelem os excrementos: ânus. Tem origem no latim "culus".

Du: Tomar no cu.

Bhreenndo: Em retomada.

Ambas: Vamos todas tomar no cu.

As artistas, **Bhreenndo** e **Du**, levantam e começam a transitar pelo palco com microfones em mãos.

Du: Respeitável público...

Bhreenndo: Respeitável público...

Ambas: RESPEITÁVEL PÚBLICO!!!

Du: Vocês estão ouvindo, suas fodidas?

Bhreenndo: Então vamos começar com os recados da noite!

Bhreenndo e **Du** começam a intimidar pessoas aleatórias na plateia, as falas são jogadas uma por cima da outra, dois corpos-multidão são conjurados e tomam o terreiro cênico de assalto, existe um gozo sádico em cada palavra. A cena é crescente e vai escalando a cada frase, existe uma raiva profunda e cínica na qual a agressividade é palpável.

Du: Pais de família e estupradores... não que tenha muita diferença.

Bhreenndo: Prostitutas e mães de todas as idades... o que eu acho que dá no mesmo.

Du: Vocês estão vivenciando o pior espetáculo da terra, ou algo muito próximo disso.

Bhreenndo: Um monte de nada com porra nenhuma, sem qualquer compromisso com o que quer que seja.

Du: O fetiche de meia dúzia de doentes, que não tem compromisso com nada e com ninguém.

Bhreenndo: Você está me escutando, filho da puta?

Du: O fetiche de meia dúzia, que é o fetiche de todos e de ninguém.

Bhreenndo: Então, essa é sua chance de ouro, cai fora daqui!

Du: Levanta e vai embora!

Bhreenndo: O que você ainda está fazendo aqui?

Du: Vai embora logo! Você com certeza pode desperdiçar essa sua vida inútil com outra coisa.

Bhreenndo e Du colocam seus microfones nos pedestais posicionados no fundo do palco. Nesse momento, as artistas fazem uma longa pausa no texto para performar um atos sexuais durante uma interpretação musical. Após um longo momento, sem interromper a cena erótica, retomam o texto.

Bhreenndo: Quem continuar nesse espaço está consentindo com uma exploração vulgar e deplorável dos corpos de duas artistas da cena, com o desperdício de dinheiro público, com...

Du: ... duas jovens cheias de potencial e pertencentes a tantos grupos sociais tão vulneráveis.

Bhreenndo: Grupos cujas vidas são frequentemente transformadas em pautas tão, mas tão importantes, não é mesmo?

Du: Jovens que poderiam fazer QUALQUER outra coisa, algo para sensibilizar, educar...

Bhreenndo: QUALQUER outra coisa para formar uma geração, fomentar um mundo melhor, construir uma, uma, uma...

Du: NAÇÃO!

Bhreenndo: UM FUTURO!

Du: UMA PÁTRIA!

Bhreenndo: O PRÓXIMO PARADIGMA DA ARTE CONTEMPORÂNEA...

Du: A PRÓXIMA AULA DE CIÊNCIAS SOCIAIS NA UNIVERSIDADE FEDERAL...

Ambas: DA PUTA QUE TE PARIU!

Bhreenndo: Ao invés disso, você está aí...

Du: ... sentado! Nesse exercício de voyeurismo, batendo punheta sem colocar a mão no pau.

Bhreenndo: Contemplando essa nudez desengonçada, tocando siririca sem levantar a saia. Achando tudo engraçadinho, ou talvez sentindo nojo, mas sem coragem de levantar pra ir embora.

Du: Olhe bem pra esse corpo exótico, aproveita esse exercício cafona de superexposição. Se eu mudar de posição fica melhor? Se eu te chamar de senhor, senhora, papai, mamãe, fica mais cunt? mais camp? mais conceito?

Bhreenndo: Dá mais vontade de colocar a cara nas minhas coxas e engasgar nesse pau gigante? Esse que fica balançando pra lá e pra cá, sem propósito além do exibicionismo dessa artistinha nojenta, sem grana, tempo, família e porra nenhuma além de um olhinho puxado e um saco pesado?

Na crescente uma nova interpretação musical, as artistas começam flertar com pessoas da plateia e convidar elas para fuder. Isso vai se prolongando até a **Diretora (Mandú)** balbuciar no microfone.

Du: Bem, mas... nada disso importa, pelo menos não ainda. Não!

Bhreenndo: Ainda tem muito a dizer antes que isso importe, por enquanto, basta dizer que...

Ambas: VOCÊ ESTÁ ASSISTINDO, COSMOS: CORPO-RIO EM CRUZO!

1º ATO – CENA 02 – MISTÉRIOS DA CARNE

A **Diretora (Mandú)** interrompe a cena com um assobio irônico.

Diretora (Mandú): MAS QUE PORRA, HEIN? ESSA É UMA ABERTURA DEMORADA PRA CARALHO! O público vai sair falando que não tem direção nesse puteiro, que cada um faz o que quer. Vocês sabem que precisamos manter a audiência engajada, precisamos entrar no tema da peça, seja lá qual for a porcaria pretensiosa da vez. Vamos falar de algo que todo mundo para pra ouvir, algo que todo mundo gosta, que vai ser ótimo pra manter o público entretido, curioso...

Vamos falar de estupro, pedofilia! **Bhreenndo**, descreve aquele seu abuso, fala alguma bobagem dos seus traumas com seus peitos, sobre como isso te faz broxar, sobre ser corno, qualquer coisa pra gente dar risada. Du, você vai pro fundo do palco e tenta continuar sendo “exótica” e “bonitinha”.

Enquanto desenvolve o seu texto, **Bhreenndo** engatinha pela área de encenação.

Bhreenndo: O desenvolvimento infantil na chamada primeiríssima infância, que vai de 0 a 3 anos, é uma fase crucial e de transformações intensas para o ser humano, nesse período o cérebro está em formação com o desenvolvimento das primeiras habilidades motoras e de linguagem, possibilitando ao indivíduo explorar suas primeiras formas de socialização.

Num determinado momento, o artista se deita e começa a explorar o próprio corpo com as mãos, passando pela boca, pelos mamilos e, finalmente, passa a estimular o próprio ânus com os dedos, batendo uma curirica.

Um corpo explorando o mundo através dos sentidos, aprendendo sobre si... e sobre o outro.

Du: O desenvolvimento infantil até os 6 anos é marcado por grandes avanços em habilidades cognitivas, aparece toda uma curiosidade, uma sequência infinita de perguntas e diversos estímulos socioemocionais. É nesta fase em que há o um desenvolvimento notável das ferramentas de... imaginação, empatia e independência, com a criança passando da linguagem simples para conversas complexas, do brincar individual para o... social.

Du se aproxima de **Bhreenndo** e passa a dedilhar o cu da artista com intensidade. A cena começa a crescer no ritmo de uma nova progressão musical.

Bhreenndo: O desenvolvimento infantil dos 7 aos 12 anos é marcado pela aquisição do pensamento lógico e sistemático, por um aumento da autonomia e sociabilidade, que nos possibilitam entender regras e conceitos abstratos, com o surgimento dos sinais da puberdade no final da fase.

A cena continua crescendo, dilatando a imagem de sexo por um longo tempo, até que **Du** levanta aos gritos, como quem entra em um profundo transe, encerrando a música.

Du: GENTE ESTRANHA, GRAVE BEM:

Du faz uma longa pausa.

Eu tenho muitos flashes de Caracaraí, em Roraima, onde morei alguns anos antes de ir para Boa Vista. Éramos crianças de uma rua sem saída, um bar de esquina, chão de terra e asfalto... eu morei lá até meus oito anos, a minha casa era a última casa de uma rua, antes de uma vala, que separava o vilarejo de um matagal, mas de lá eu nunca tive medo, nem à noite.

Eu tinha cinco anos... naquele dia, com a Alessandra, minha amiga, brincávamos as duas de pular corda e elástico, quando um casal, um homem e uma mulher, brancos, por volta de trinta anos, vieram descendo pela nossa rua. Eles vieram a pé, subitamente, sem uma grande nave, e bem vestidos.

Ventos, ventos do rio... eu senti o cheiro e não cedi quando o hálito daqueles seres me chegaram à face e estenderam suas mãos repletas de doces.

Tudo foge pelo mar! Não, obrigado! Não, não estique sua mão! Ventos, ventos do rio...

E olhei para os olhos de Alessandra, quando dissemos uma para a outra: “vamos voltar e brincar dentro da rua”. Sua calma, sua pressa: “me dê a mão, vamos brincar de corda”. Por favor, sinistrea. Que olhos doces!

A artista faz mais uma pausa.

Para que essa situação se defina antes que, em toda uma vida arrependidos, perguntassem: qual era o nome deles? Para onde eles foram? Mãe, pai, eu não fui arrastada. Alessandra e eu, a pé, ficamos. Eles, os outros, a pé, desapareceram. Não o nada deles, o meu!

Bhreenndo: ESTIQUE SUA MÃO...

Bhreenndo faz uma longa pausa.

Me toque.... eu me recuso a ser o único!

GENTE ESTRANHA, GRAVE BEM: eu tenho muitos flashes. Devo ter pensado em morticínio quando estava em Roraima. Eu tinha poucos anos... é assim que é, é assim que deve ser de agora em diante.

Diretora (Mandú): Que menino bonitinho você é. Tá sozinho? Vem comigo.

Bhreenndo começa a repetir a palavra “não” em resposta à **Diretora (Mandú)**.

Rápido, rápido, você vai gostar; vou te mostrar algo muito bom. Olha só: a gente esfola, rasga, pulsa, põe para trás e encaixa. Deixa glande exposta, esfola o corpo, rápido, em todo lugar, em lugar nenhum, no quarto de casa, rápido, rápido, rápido, goza comigo, goza pra mim. Rápido, rápido, rápido, rápido... já acabou?

O artista cai no chão e tenta estabilizar uma respiração embargada.

Bhreenndo: Meu corpo, meus olhos, meus signos... tudo foge pelo mar! Estique sua mão, me toque... Por favor, sinistreza! O quarto de minha casa, melhor lugar, que conhece os outros com intimidade e autoridade, que é tudo só verdade, mesmo quando só mentira.

Ventos, ventos do rio, soprados entre as minhas pernas... aqui não! Volta! Sua calma, sua pressa.

Passos, água, esperma, suor, sangue e lágrimas. Eu ODIEI os toques nos peitos, as lambidas e as chupadas, a saliva e o melaço.

Bhreenndo faz uma nova pausa.

Mãe, eu fui arrastado. Meu corpo e eu ficamos. Eles, os outros, desapareceram. Não o nada deles, o meu.

1º ATO – CENA 03 – VOCÊ SABIA?

Diretora (Mandú): Tomem nota... a divisão do desenvolvimento, da consciência e da autonomia humana conjecturam essa nossa vida ao redor da mecânica vocabular de revivermos o trauma nas desconcertantes correntezas do blackout.

Isso inclui teocracia, heroísmo, antropologia, metaforismo, beleza, filosofismo e, por conseguinte, a diversão filológica, resultado de nossa constante exposição à quantificação de dados.

A **Diretora (Mandú)** faz um sinal para que rufem os tambores.

E é por isso... que nós vamos brincar de... VOCÊ SABIA?

Du e Bhreenndo pegam seus microfones e conduzem a cena em tom de brincadeira, como uma paródia de dançarinas de jazz e agitadoras de programas de auditório.

Du: Você sabia que existe um Estudo da Violência Contra Crianças e Adolescentes na Amazônia?

Bhreenndo: Ele é feito pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública!

Du: Você sabia que a Amazônia é o pior lugar para ser uma criança em todo esse país de merda? A região registrou mais de 31.000 (trinta e um mil) casos de estupro contra crianças e adolescentes de 2021 a 2023!

Bhreenndo: Você sabia que foram registradas quase 3.000 (três mil) mortes violentas de crianças e adolescentes nesse período? Fica até difícil saber se a pior estatística foi a que eu entrei, ou a que eu fiquei de fora!

Du: E aqui vai uma singularidade muito interessante: você sabia que mais de oitenta por cento (83,6%) das vítimas de abuso e exploração sexual eram pretos, pardos ou indígenas? Padrão que não se repete no restante do país...

Bhreenndo: Você sabia que crianças na Amazônia têm maior risco de morrer antes de um ano de idade? E você sabia que elas também têm maior risco de não completar o ensino fundamental?

Du: Eu completei, mas terminei a escola por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e olha só... ele também!

Aponta para **Bhreenndo**.

Agora, você sabia que...

Diretora (Mandú): Tudo certo, acho que o jogo perdeu a graça, né?

A música para de maneira súbita diante da fala da **Diretora (Mandú)**.

Ninguém liga pra Amazônia, o único lance é especular a estética afro-indígena-latino-americana. Vocês não vão trazer nada de bom pra gente com essa lamentação toda. Você acha que esses fudidos aqui se importam? Seguinte, vamos fazer uma coisa que mobilize de verdade, uma coisa bem étnica! Pinturas corporais com uns cocares de artesanato, umas projeções de floresta queimando, aí vocês entram gritando “VEM FORTE QUE EU SOU DO NORTE” e...

A **Diretora (Mandú)** começa a rir da própria imaginação. **Bhreenndo** e **Du** acompanham.

Tá bom, chega. É só brincadeira. Vamos fazer um bis! Só que nesse bis vocês tem que me prometer que vão rebolar muito mais, deixar essa zona muito engraçada MESMO! RESPEITÁVEL PÚBLICO, ESSE É O PONTO ALTO ATÉ AQUI! AGORA A INDIAZINHA E A CABOCLINHA VÃO SENTAR PRA TROPA!

Bhreenndo e **Du** vibram de alegria, a **Diretora (Mandú)** sinaliza para que aumentem a intensidade do acompanhamento musical.

Bhreenndo: Diversas ONGs apontam o garimpo como uma das indústrias que impulsionam o tráfico de pessoas na Amazônia.

Du: Mulheres, crianças e pessoas queer são grupos de risco. Eu consegui escapar, então a incompetência do meu agressor foi diretamente responsável por vocês assistirem essa porra de peça.

Bhreenndo: acadêmicos, ativistas e lideranças católicas continuamente afirmam que existe uma omissão do poder público no enfrentamento dessa violação.

Du: Contrabando! Churrasco! Damas!

Bhreenndo: Envenenamento! Cerveja! Morticínio!

Du: Leite! Desvio! Máquinas!

Bhreenndo: Ouro! Urâna! Mercúrio!

Bhreenndo e **Du** novamente colocam seus microfones nos pedestais ao fundo do palco. De costas, dão o texto que finaliza a cena.

Du: Para fazer a separação entre um e outro, garimpeiros usam a substância, que é altamente tóxica e prejudicial, para mutilar o meu corpo e garantir que ao final do processo, ao beber do rio, eu seja objetivada e reduzida.

Bhreenndo: E a sua carreira? Sua substância? Ela por acaso vale um tostão furado?

1º ATO – CENA 04 – A FARSA

Bhreenndo e **Du** retornam ao centro da cena interpretando arquétipos políticos, um masculino e um feminino, respectivamente.

Du: Sirva-se de um copo d'água, tome no cu. Nunca me senti tão humilhada. Essa consciência, esse papel, essa humanidade. Acha que eu devo vestir ao menos uma calcinha para orarmos juntos pelas vítimas?

Bhreenndo: Senhora primeiríssima dama, creio não ser necessário. Aceito beber ao seu lado, mas temos coisas mais interessantes a fazer...

Du: Insolente, cruel! Você, quem é?

Bhreenndo: Eu sou dois, ou mais até. Talvez seja esse o ponto mais importante agora! Não há nada pior para uma sociedade que explora, construída e protegida sob poderes divinos e hinos à genocidas, que deparar-se com a ameaça de uma vítima maior, a que não resta mais nada a oprimir.

Du: Você enlouqueceu? Estamos sendo vistos, estamos visadas! Pare com isso!

Bhreenndo: Tem sempre outro, você sabe muito bem quem eu sou.

Du: Não estou... não é possível... personagem, não brinque com isso!

Bhreenndo: Só mais um pouquinho. Um pouquinho só, eu juro.

Bhreenndo balança o pau, se insinuando. **Du** se coloca de joelhos para uma prece.

Du: Invoco o Dador do Vinho presente em sua coluna!

Bhreenndo: Não finjas que não viemos juntos e afogados no mesmo rio!

Du: Baco, que a toda volta cingindo a casa de Cadmo, firmou-a...

Bhreenndo: A massa que as catástrofes de estradas de ferro nos deixou a tremer...

Du: Deu-lhe sustento contra os fortes cataclismos, quando o raio flamejante agitou a terra...

Bhreenndo: Conheces, assim como eu, os terremotos, as pestes, as revoluções, as guerras; que é sensível às agonias desordenadas do amor...

Ambas: COM O FULMÍNEO SIBILO QUE A TUDO DESENLAÇOU!

Bhreenndo e **Du** se levantam de supetão e começam a rodopiar, são dezenas de giros enérgicos que mudam a frequência do espaço cênico. Durante os giros, a **Diretora (Mandú)** começa a repetir o texto como um feitiço, praga, ou profecia.

Diretora (Mandú): Invoco o Dador do Vinho presente em sua coluna!

Baco, que a toda volta cingindo a casa de Cadmo, firmou-a!

Deu-lhe sustento contra os fortes cataclismos quando o raio flamejante agitou a terra...

COM O FULMÍNEO SIBILO QUE A TUDO DESENLAÇOU!

Bhreenndo e **Du** caem no chão em exaustão, mas rapidamente retornam o controle dos próprios corpos, há uma longa pausa que é permeada por gargalhadas de ambos os lados. Fazendo força para recuperar o próprio fôlego, as artistas prosseguem enérgicas em uma epifania.

Du: Guardiões dos Mistérios, que detêm o sigilo sobre aqueles que conseguem alcançar todas essas elevadas noções e só pedem para tomar consciência delas com a condição de que saibam falar sua própria linguagem... para que a noção dessas coisas não lhe chegue através de disfarces e palavras adulteradas!

Bhreenndo: Essas são as preferidas da boca de Èsù e as mais desejadas pelos quadris de Baco, às que caminham na encruzilhada do tempo e que são pertencentes a épocas mortas que nunca mais poderão ser retomadas!

Ambas: VEM, JUBILOSA BACANTE, NOSSOS ÂNIMOS ALEGRA!

A **Diretora (Mandú)** cai na gargalhada.

1º ATO – CENA 05 – MAIS UMA BRINCADEIRA

Diretora (Mandú): Caramba gente, vocês realmente entregaram essas quatro cenas. Vou confessar, eu não esperava por isso. Realmente achei que a alfabetização precária que vocês tiveram naquelas escolinhas de taipa na beira do rio não permitiram que vocês pudessem memorizar tudo isso. Então agora que essa sequência ficou pronta, eu posso falar? Vou mandar a real tá?

Bhreenndo e **Du** parecem curiosas e animadas, como quem espera um elogio.

Gente... é chato! Chato, torturante, desinteressante, enfadonho, tedioso, maçante, batido, datado, tosco, confessional e até meio fora do tom. Dança livre? Nudez? Microfonação? Clichê, piada repetida, terrivelmente cafona, saiu direto de 2010 e devia ter ficado por lá mesmo. Vocês são muito ruins... são pedantes, desinteressantes, sem talento e... enfim. É só chato pra caralho.

As artistas fazem uma longa pausa, em seus rostos há descontentamento. **Du** rompe o silêncio.

Du: Nossa vida pessoal é o motivo?

Diretora (Mandú): Não acho que tenha motivo exato, é só... tudo isso. Essa forma de idolatria das obras, esse conformismo com a própria existência das obras... é tudo muito ridículo.

A **Diretora (Mandú)** faz uma pausa.

Mas longe de mim de acusar a massa e o público. Devemos isso, na verdade, às empreiteiras.

Bhreenndo e **Du** olham para ela com certa confusão e desconfiança, como se esperassem um parêntese ou reticências na frase.

Diretora (Mandú): Sim, as empreiteiras! Só quem precisa de uma grande e monumental obra são as empreiteiras.

Bhreenndo: Será inútil acusar o mau gosto do público, que se deleita com grandes insanidades...

Diretora (Mandú): Esse conformismo que faz confundir o sublime, as ideias e as coisas com as formas que tomamos através do tempo...

Através do tempo e também em nós mesmas, nessas nossas mentalidades pequeno-burguesas de esnobes e estetas que o público já não compreende.

Bhreenndo e **Du** exclamam com seus corpos.

Ambas: Oh! Uma diretora de verdade!

Diretora (Mandú): Eu? Então que seja! Vamos pro monólogo que toda diretora ridícula merece! Bota pra fuder!

A **Diretora (Mandú)** aponta para **Will Samos** na bateria, que começa uma sequência estrondosa.

Uma obra extraordinária! Uma obra que acaba com todas as espécies! Juras de cair dinheiro, tipo em dívida de jogo. Isso é uma casa digna para nós: carniça, lama, maus tratos, escola, esgoto e custo médico. Vamos brincar de fazer teatrinho político nessa porra? É fácil, vocês dizem: Tucunaré! E eu pergunto: quem deixou essas famílias sem peixe? Vocês começam a chorar e o público, esse bando de otários, aplaude até a exaustão! Todo mundo grita: fora, Belo Monte! Então a gente vai pra casa com um sorriso no rosto e finge que são só águas passadas carregando essa merda toda!

Só que, no fundo, a gente sabe que vai do Pinheirinho ao Banhado! Estados inteiros! Povos inteiros! São migrações forçadas das greves do Rio Madeira aos desabrigados do Xingú! Transamazônica: máquina de chupar dinheiro público no barro intransitável. E nós, as falsas intelectuais? Estamos prostituídas como os recursos do ambiente, aliás, não temos mais recursos e acabou o ambiente, junto com a COP 30.

Gabs, artista que toca baixo, começa um ménage à trois com **Bhreenndo** e **Du**. Corpos em transe.

Viva a hiperinflação! Três vivas para cada mercado vazio na fronteira de um golpe de estado norte-americano! Responda: do que adianta ter petróleo onde não tem comida? Como ter soberania numa nação sem povo? Algum pobre já se protegeu da chuva deitando embaixo do PIB? O que país de lá, que se acabou, ensina para o país daqui que já está se acabando? O que faremos quando formos cidades imigrantes? Eu tenho vinte e cinco reais e pra fuder uma puta com AIDS, uma imigrante morta de fome, tá custando oitenta. O corpo invadido é narrativa, marketing da iniciativa privada que essa porra governo dois-ladista incentiva e que, sem prejuízos, lucra por dois! Nessa lavagem de dinheiro absurda, o corpo capital é imóvel: ALUGA-SE!

Estamos todas interpeladas nesse lobby, mas isso volta! Escreve o que eu digo, é como a água: sempre encontra o caminho de volta. Vocês sabem o que isso fez em Altamira, no Rio Madeira, no Alto Xingú? O que aconteceu em Belo Monte? O que aconteceu com as famílias do Pinheirinho? O que a BASF têm a dizer sobre os químicos no Rio Paraíba do Sul?

EU, MANDÚ CARVALHO, DIRETORA ANÔNIMA DE TANTOS TRABALHOS MEDÍOCRES AFIRMO: A REVOLTA CORPORIFICADA DEVERIA NOS CONTAMINAR MAIS QUE OS MINÉRIOS DA VIOLÊNCIA COLONIAL, NOSSOS ALGOZES NOS ENSINARAM A MATAR!

Bhreenndo e **Du** retomam a consciência. **Gabs** retorna lentamente ao seu assento.

Ambas: HÁ MALES QUE VÊM PARA O BEM!

Du: Por isso, deixemos para os peões a crítica de textos e para os estetas a crítica das formas! Reconheçamos por fim que: o que já foi dito não está mais por dizer.

Bhreenndo: Que uma expressão não vale duas vezes! Ela não vive duas vezes, pois toda palavra pronunciada morre e só age no momento em que é pronunciada.

Diretora (Mandú): SENTIDO! Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, Comandante Eloy Gutiérrez Menoyo, Presidente José Sarney de Araújo Costa, Presidenta Dilma Vana Rousseff, Presidente Michel Temer, Presidente Jair Messias Bolsonaro, Presidente Luiz Inácio Lula da Silva!

Ambas: Oh, não! Senhores! Nós não somos da Al-Qaeda!

Todas gargalham muito.

Diretora (Mandú): O que sente um cidadão ao olhar um soldado marchando no sete de setembro?

Bhreenndo e **Du** começam a cantar o hino de Roraima.

Ambas: Todos nós exaltamos Roraima, que é uma terra de gente viril! É benesse das mãos de Jesus, para um povo feliz, varonil! Amazônia do Norte da Pátria, mais bandeira para o nosso Brasil! Caminhamos sorrindo, altaneiros, almejamos ser bons brasileiros, nós queremos te ver poderoso, lindo berço, rincão Pacaraima! Teu destino será glorioso, nós te amamos, querido Roraima!

1º ATO – CENA 06 – TUDO ACABA ASSIM?

Du muda totalmente seu tom que, de descontraído, passa a para uma contemplação melancólica.

Du: Todos esses acidentes que acontecem seguem a coincidência da água...

Bhreenndo: Sob certas condições, o espaço e o tempo podem ser reduzidos a quase zero... a própria causalidade desaparece porque a causalidade está ligada à existência do espaço. É a própria lógica do tempo que rege a casualidade.

Du encosta uma orelha no chão e **Bhreenndo** a observa com curiosidade.

Du: Aqui corre um rio.

A **Diretora (Mandú)** ri, mas é confrontada pelo olhar de **Du**.

Diretora (Mandú): Não me olhe assim, estou torcendo por sua inspiração. Ninguém merece clichê ambientalista depois de mais de uma hora de peça.

Du: Eu sinto as águas! Elas me desorientam!

Bhreenndo: Não é o futuro, nem o sonho, nem o ideal, nem o projeto...

Du: Há um rio aqui.

Bhreenndo: Na tua hora, no teu elemento...

Du: De tirar o sol da cabeça, a lama dos pés e das mãos.

Diretora (Mandú): Vocês já estão acabando!

Bhreenndo e **Du** ignoram o alerta e prosseguem com uma conversa em tom confessional. A **Diretora (Mandú)** demonstra raiva ao se sentir contrariada, assumindo tom de deboche.

Du: Eu bebi mercúrio de uma nascente.

Bhreenndo: Eu bebi petróleo na bacia do afluyente.

Diretora (Mandú): E nessas águas, criação também se faz em gargalos de estrangulamento?

Bhreenndo: Eu tenho sede!

Du: Há um rio soterrado.

Bhreenndo: Eu busco o Rio de Vinho, onde as pedras em delírio vertem leite e mel.

Du: Para cuspir na boca dos outros? Que sinte sede e fome! E não se sacie com águas quaisquer.

Bhreenndo: Como o frenesi que invade os fiéis no monte sagrado.

Ambas: Eu quero meu nome!

Diretora (Mandú): Chega de palhaçada. Corpo zero!

Bhreenndo e **Du** assumem uma posição “zerada” por um segundo.

Comandos simples que evocam posturas específicas, uma herança da educação fascista, são...

Antes que a **Diretora (Mandú)** possa finalizar sua frase, as artistas entram em transe e começam a tremer como se uma infinidade de eletricidade saísse de seus corpos.

Que porra! Por que caralhos vocês estão fazendo isso agora?

As palavras da **Diretora (Mandú)** não as alcançam.

Du: Enchente de cometas, céu em debandada...

Bhreenndo: Despedindo-se das paisagens e das dimensões tridimensionais que dizem...

Diretora (Mandú): Dizem apenas bobagens! Coisas ridículas como “você é” ou “você deve ser?” e ainda pior: afirmações estapafúrdias como “no princípio era o verbo”!

Du: E eu, atravessado por um dilúvio, senti o meu corpo gritar pelas correntezas...

Diretora (Mandú): Gritou com palavras molhadas?

Ambas: EU PRECISO FODER!

Bhreenndo: Mas não pela boca, apenas pelo cú.

Du: Abertura primeira que aprendi a pronunciar no mundo.

Ambas: Ó MULTI-DESTRUTIVA DESTRUÇÃO!

A **Diretora (Mandú)** se mostra incrédula, mas muito curiosa.

Du: Do infinito de fora.

Bhreenndo: Do ínfimo de dentro.

Diretora (Mandú): Rio abaixo.

Finalmente **Bhreenndo** e **Du** são alcançadas pelas palavras da **Diretora (Mandú)**.

O Rio é muito grande... o que eles ouviram da Amazônia? Porque eu sei que eles não morreram de novo e que já estão bem rio abaixo sem morrer! Chegará o dia em que iremos todas rio abaixo, ouçam: no princípio, era a palavra, a palavra daquele que é, e comunica o que é. E o que isso é?

Ambas: MERDA!

Diretora (Mandú): E que merda significa ser humano?

Du: Jogar merda no rio.

Bhreenndo: Chamarmos as enchentes de desastres naturais.

Du: Do Egito à Índia, do País de Gales ao Maranhão, rios de merda são cadáveres.

Diretora (Mandú): Ao beber do rio, liberamos as mutações e os devires minoritários e moleculares capazes de desfazer os rostos demasiadamente humanos.

Eu aprendi isso muito, muito tempo atrás, antes de os conceitos terem formas e nomes.

Só que hoje, nada disso importa, todas as águas estão perdidas para as palavras.

Eu, nós... todas vocês fedem a merda.

O ser voltado à água é um ser em vertigem: morre a cada minuto.

Ambas: AVE, URANA!

Diretora (Mandú): O sofrimento da água é infinito, a água impura é um receptáculo do mal.

O ser voltado à água é um ser em vertigem cujo espírito morre a cada minuto, num estado de consciência que é casca aberta para todos os males!

No derradeiro momento, tudo volta.

Só que isso já não importa para vocês, porque vocês já acabaram.

1º ATO – CENA 07 – TEMPO EM ESPIRAL

Du: Como assim?

Diretora (Mandú): Qual a dúvida? Eu disse que é isso. Agora nós agradecemos o público, vocês colocam uma roupa e vamos todas para casa.

Bhreenndo: O que, mas como assim?

Du: Não, não pode acabar assim!

Diretora (Mandú): Pode! Não é sua função decidir isso, sua função é ser bonitinha e atrair atenção.

Bhreenndo: Nós ainda temos muito pra dizer.

Diretora (Mandú): Muito? Vamos ser honestas, vocês não são tão interessantes assim.

Ambas: NÃO.

Diretora (Mandú): Um motim? Vocês acham que eu vou ficar mediando isso?

Du: Essa é a nossa história, ainda estamos começando.

Bhreenndo: Nós vamos fazer isso com ou sem você.

Diretora (Mandú): Tomar decisões não é sua função, sua função é ter esse pau grande que nunca fica duro na hora certa e, ocasionalmente, servir de cota indigena na composição do coletivo. E olha só, você nem tem carta da FUNAI, então não tem servido muito bem como cota não. Já mostrou não ser grandes coisas como ator, não serve como pau amigo e também não serve como cota!

A minha função é trazer dinheiro pra manter essa baboseira toda, manter os projetos em execução. Isso demanda resoluções práticas: ter a direção é tomar decisão, é estabelecer forma dentro de uma lógica racional onde o distanciamento afetivo é um recurso essencial e imprescindível para garantir a continuidade dos projetos. Vocês são amadoras! Estão envolvidas, pessoalmente implicadas. Eu não me importo com nada nessa vida, por isso sou a mais qualificada para cuidar dessa merda..

Du: Sua decisão é unilateral?

Bhreenndo: Ela ignora nossas vontades?

Du: Você simplesmente prefere desacreditar de que nós podemos ser mais que isso?

Bhreenndo: Você decidiu de antemão que não conseguimos dizer mais nada?

Du: Que não podemos fazer mais nada? Isso não é uma decisão, você só desistiu..

Bhreenndo: Você quer que a gente esqueça tudo e mantenha isso como está?

Du: Nós não vamos congelar o tempo no aqui e agora!

Bhreenndo: Não vamos negar tudo que ainda podemos fazer!

Du: Sua decisão é ignorar que nós podemos ser muito mais?

Ambas: NÓS TRÊS.

Diretora (Mandú): MINHA DECISÃO É QUE ACABOU!

Há uma longa pausa, muito maior que as anteriores. Vários esboços de ação surgem, mas apenas desaparecem em seguida. A situação só muda quando **Bhreenndo**, finalmente, quebra o silêncio.

Bhreenndo: Há algo que eu penso todos os dias...

Du: Todos os dias?

Bhreenndo: Todos os dias!

Du: Você pensa em como lembrar do próprio nome? Ou simplesmente que há mais rios aqui do que em qualquer lugar do mundo?

A **Diretora (Mandú)** parece subitamente interessada na conversa.

Bhreenndo: Sim... todos os dias.

Du: E pensa que, entre tantos e tantos rios, até ontem você conhecia apenas um ou dois?

Bhreenndo: Isso! Penso bastante.

Du: A vastidão cósmica contra a miúda vida cotidiana de um sujeito comum... a paisagem, onde está?

Bhreenndo: Na tua hora e no teu elemento, guarda a força do primitivo e do eterno: o céu com suas flechas, a morte com suas águas doces.

Du: De grito de rãs à beijo de peixes, unidos pelo surgimento das águas, fertilidade e abundância são a tua paisagem.

Diretora (Mandú): Caramba, vocês vão realmente levar isso até o fim? Mesmo cientes de que não há nada a ganhar com isso?

Bhreenndo: Sem dúvidas.

Diretora (Mandú): É por puro capricho, ou só orgulho ferido?

Du: Com certeza por um pouco dos dois.

Diretora (Mandú): A teimosia de duas artistas medíocres contra o autoritarismo de uma diretora medíocre... vocês não acham que o público tem coisa melhor para fazer?

Bhreenndo: O público foi convidado a se retirar ainda na primeira cena, a porta está bem ali.

Diretora (Mandú): Vocês tem um ponto, mas ainda acho que estão se dando muita importância.

Du: Quem for permanecer aqui, não se preocupe com o tempo. Hoje o tempo é o que menos importa, o tempo de hoje não precisa ser justificado, não aqui.

Ambas: o tempo é espiral.

2º ATO – CENA 01 – POR TODOS QUE TOMBARAM

A cena inicia com uma livre adaptação de “Os Persas”, obra de Ésquilo que é datada de 472 a.C. Nossa adaptação é baseada na tradução de Mário da Gama Kury.

Diretora (Mandú): Cidades da Ásia, terras da Pérsia, outrora, morada da opulência. Foi ceifada a última flor dos persas! Ai de mim, como pode um só golpe ofuscar tanta glória? Infeliz de mim que tais desgraças venho anunciar, mas é necessário ir até o fundo e narrar nossos males. Persas... foi destruído o nosso exército de bárbaros!

O texto reverbera durante uma longa pausa, as duas artistas em cena assumem uma postura oracular. Os textos de **Du** e **Bhreenndo** seguem ditos em delírio, falando para o nada e para o tudo.

Bhreenndo: Era natural do deserto, rodeado de margens molhadas, mas salgadas...

Du: Xerxes, sua mãe te espera em casa. Supersticiosos te querem...

Bhreenndo: Estou de luto. Um pouco de frescor, senhor, se quiser, se de fato quiser...

Du: Xerxes, Rei dos Reis, filho meu e dos bravos, subjuguou a natureza e, portanto, Poseidon. Onde puderam sonhar os renegados do mundo...

Bhreenndo: Com uma ponte sobre o mar? Do próprio mundo! Da coincidência da água!

Du: E açoitou o destino com trezentas chicotadas? Fez tormentas no mar deles? Ondas invisíveis! Ondas fantasmagóricas! Ondas misteriosas! Ondas que não podem ser vistas!

Bhreenndo: Meu Pai... nosso pai! O mar é, na verdade, um rio grande com um olho a espiar as maravilhas de nosso povo. Por isso, negar a ordenação de nossos inimigos implica...

Du: Neles, vitoriosos, mas com sede!

Bhreenndo: Em nós, vitoriosos, sem sede!

Du: E este colapso do incerto, vem bifurcar as águas: não sou de outro deus, outro povo, outro rei!

Bhreenndo e **Du** assumem a figura de um cavaleiro montando seu furioso equino, **Bhreenndo** bate seus os cascos no chão enquanto **Du** cavalga com voracidade.

Bhreenndo: Irã! De medos e nômades indistintos...

Du: Babilônia! Com afeminados em carroças de ouro...

Bhreenndo: Egito! Com seus...

Du: Ventos! Ventos do rio...

Bhreenndo: O sol negro deu-lhes cabelos como crinas... e dentes como os de leões.

Du: Eram seus deuses astronautas? Jesus, Nietzsche, Rodrigo Santoro?

Bhreenndo: Eram arrogantes!

Du: E com dentes de ouro mastigando o orgulho.

Ambas: Assim falou Zaratustra!

Diretora (Mandú): Quando cruzarmos a linha do encontro, partiremos! E vocês, filhos bastardos do deserto: AVANTE!

Bhreenndo e **Du**, subitamente, jogam seus corpos contra o chão com brutalidade. As artistas entram em um novo transe e começam a debater seus corpos em convulsão enquanto a **Diretora (Mandú)** intercala seus textos com apitos de guerra.

Ambas: Nós vimos. Nós sentimos.

Diretora (Mandú): AVANTE!

Bhreenndo: Quando os deuses viraram o rosto e, ainda assim, insistiram em nos fitar...

Diretora (Mandú): AVANTE!

Du: Tudo foge pelo mar!

Diretora (Mandú): AOS GRITOS DE DOR, AVANTE!

Ambas: Que sintam sede e fome!

Diretora (Mandú): AVANTE!

Bhreenndo: Vítimas de meu quarto morno em Susa (Irã).

Diretora (Mandú): AVANTE!

Du: Eles tem hálito de mil folhas, salsa, endro e camomila...

Diretora (Mandú): AVANTE!

Bhreenndo: Os dentes, amarelados de açafão.

Diretora (Mandú): AVANTE!

Du: Os pelos, de suor e pimenta; ópio e cevada.

Diretora (Mandú): AVANTE!

Ambas: O sangue dos meus tingiu as águas do mar.

Diretora (Mandú): AOS GRITOS DE DOR, AVANTE!

Bhreenndo: Já não existimos mais, me digam como se faz um monstro? É que ainda não existe um monstro para os genocidas e os crimes de guerra.

Du: Mr. President, you're fucking nothing here!

Imitando a Marilyn Monroe, **Du** lança um beijo enquanto vocaliza um som de “Muá!”.

2º ATO – CENA 02 – A RECUSA DA LEI DOS HOMENS

A cena abre com uma livre adaptação de “Antígona”, obra de Sófocles realizada por volta de 442 a.C. Nossa adaptação é baseada na tradução de Mário da Gama Kury.

Diretora (Mandú): Sete Homens, lutando diante da Tebas das Sete Portas, combatendo iguais contra iguais, ofereceram os trovejantes sons de suas armas de bronze em tributo ao Rei dos Céus... Ali, aqueles dois infelizes, que compartilhavam o mesmo pai e a mesma mãe, ergueram suas lanças sedentas um contra o peito do outro e sucumbiram ambos a essa fállica e recíproca morte!

Du dá duas batidas no chão.

Du: Toc-Toc.

Bhreenndo: Quem é?

Du: Aquela que recusa os próprios deuses! A que aceitou algo tão absurdo que nem os deuses aceitariam!

Há um momento de suspensão, uma longa pausa e um retorno ao texto.

Bhreenndo: Você enlouqueceu? Estamos sendo vistos, estamos visadas! Pare com isso!

Du: O “EU” é um hábito! “ELES” definem “O OUTRO”. Quatrocentos anos antes de Cristo, e antes que a obediência seja consagrada em cartório... É madrugada em Tebas! Abro a primeira porta às vésperas de meu noivado... vou cobrir o corpo de meu irmão.

Bhreenndo: Não estou... não é possível... personagem, não brinque com isso!

Du: Antígona, eu. Como me vejo ou me sinto, se nenhum gesto me pertence? Canto sempre o mesmo verso, com águas distintas... A circulação das ideias era como um rio seco pra mim! Antígona, eu. ESTROFE OUVIDA!

Bhreenndo: Ouça, irmã, o ruído! A vítima maior! E alguns ali mesmo tombaram na água podre com as leis de Creontes. Queridos mortos, abro a cidade e desço!

Du: Eu, com as marcas da brutalidade. Eu, sem ventre. Eu, com o teu pau. Eu governarei como mulher-cavalo-marinho: SUBMERSA! Eu, a mais abjeta! Eu, rio subterrâneo... EU, AINDA QUE MIL VEZES ENTERRADA VIVA!

Bhrenndo: Deixo a vocês as portas, se alguém ousar entrar! Lembrem que as desordeiras, como Antígona, sofrerão pena de morte!

Diretora (Mandú): Que pena! Pode, afinal, existir essa grande defasagem entre a pessoa com a qual falamos e aquilo que, efetivamente, se fala.

A dor das artistas se concretiza em uma longa pausa.

Bhrenndo: As primeiras notícias do desastre, elas se prolongaram por muitos dias com a agitação dos filósofos, com a comoção e curiosidade públicas. E mais do que isso! Cresceram do boato medrosamente boquejado no recesso de lares até a mentira escandalosa dita com estardalhaço pelas ruas de toda a nação.

Diretora (Mandú): Que pena! Se avolumaram as apreensões e os linchadores não pouparam nem os pobres pássaros!

Du: Sim, eles comeram carne de um morto que deveria estar enterrado.

Diretora (Mandú): Que pena! As agentes alucinadas ouvem o trotar dos bárbaros.

Ambas: E morreram rio abaixo.

Diretora (Mandú): Que pena! Aproxima-se a derradeira tragédia!

Ambas: Ó, MULTI-DESTRUTIVA DESTRUIÇÃO.

Du: Eu, menos que humana. Eu, em objeção ao jusnaturalismo e a Lei dos Homens...

Bhrenndo: Nas páginas de Jean Cocteau, Bertolt Brecht e Jean Racine...

Ambas: EU!

Du: Entregue ao espaço público ou privado.

Bhrenndo: Entregue ao interesse da cidade.

Du: Adiantamo-nos logo. Vou fechar a casa, guardar a água limpa e cozinhar os tecidos sujos...

Bhrenndo: Não! Teus disfarces de mulher não cobrem suas selvagerias. Tens que fugir!

Du: Pode a cidade perdoar? Nessa vida, já não sofro.

Bhrenndo: Filha do incesto e da casa real...

Du: Eu, tebana, a nobre...

Bhrenndo: Sombra tardia que desafia a cidade e o povo que já conhece todos os monstros!

Du: VEM, SÊMELE! Tebana como eu, MORTA como eu.

Diretora (Mandú): QUE PENA! Violaram o túmulo, violaram o leito do morto.

Bhrenndo: Morada eterna na rocha escavada...

Du: AVE, SÊMELE! DE DISFARCES A TUA CRIA NOS SALVA!

Ambas: DITIRAMBOS DE DIONÍSIO.

Bhrenndo e **Du** caem no chão, uma no colo da outra. Longa pausa. Começa uma música de ninar.

Bhrenndo: Dango-balango, Saramangotango...

Du: Focinho de cobra, cara de calango...

Bhrenndo: Dengo-Balengo, Saramengotengo...

Du: Focinho de fada , cara de mostrengo...

2º ATO – CENA 03 – DOS COROS PARTICIPAREI

A cena abre com uma livre adaptação de “As Bacantes”, obra de Eurípides datada de 405 a.C. Nossa adaptação é baseada na tradução de Mário da Gama Kury.

Diretora (Mandú): À terra de Tebas venho, eu, Dionísio! Filho de Zeus, a quem outrora deu à luz Sêmele, a filha de Cadmo, pela chama do raio atingida. Vejo o túmulo de minha mãe, fulminada! As ruínas da sua morada, onde o fogo de Zeus ainda queima, imperecível tal qual a cólera de Hera.

A maior das euforias ocupa a cena pelos corpos de **Bhreenndo** e **Du**.

Ambas: E tudo o que nos pedir.

Bhreenndo: Eu quero a melhor herança!

Du: O único obrigado aos romanos!

Ambas: Daquelas que amam!

Bhreenndo rodopia abrindo o as bandas da bunda e exibindo o cu.

Bhreenndo: a política da porta aberta?

Du: O primeiro rio a encontrar o mar?

Bhreenndo: Que tem proporcionalidades jamais experimentadas ou absorvidas... como chamas embaixo d'água...

Du: Então tudo será engolido...

Bhreenndo: Eu juro pela água!

Ambas: LIBIDO OU MORTE!

Du: De quem é a cabeça que trazem?

Bhreenndo: Um leão?

Du: Um touro?

Bhreenndo: um homem?

Du: Quem está por aqui? Pã? Cadmo? Harmonia? Penteu?

Bhreenndo: Toda essa gente! É MUITA GENTE! Gente direita, gente pobre, advogados, garçons, pedreiros, meias-colheres, críticos...

Du: E ainda os engenheiros, atrizes, marceneiros, jornalistas, ricos, empregados-públicos, MUITOS empregados-públicos! Vendedores, bibliófilos, pés-rapados, acadêmicos, banqueiros...

Diretora (Mandú): PHODEMOS!

Ambas: EVOÉ, BACO! EVOÉ!

Bhreenndo: E serão minha comida, meu alimento, o peito de minha mãe?

Du: Como testemunhas oculares: rapsodos, órficos, erês. E o bom senso de estrangeiros!

Bhreenndo: No túmulo de Sêmele, aquífero da fúria, eu bebo sua água.

Du: Do espaço em que reina o outro, e não o mesmo!

Bhreenndo: Èșù para cada uma das portas abertas como cus.!

Du: Eu desço ao escuro. Às portas de Hades... entre os derrotados e os vencidos...

Ambas: PHODEMOS!

Diretora (Mandú): Povo de Tebas, dizem que nossa cidade obteve o nível máximo de certificação em três categorias! Cidade Inteligente! Cidade Sustentável! Cidade Resiliente! Ave, Macedônia, um não-lugar, que, não por acaso, mais tarde, engolirá os gregos com seus estrangeirismos bárbaros!

A euforia das artistas se transforma em fúria.

Du: FOGO DE ZEUS! MÁQUINA DE PROPAGANDA!

Bhreenndo: ENCHENTE DE COMETAS, CÉU EM DEBANDADA!

Du: DESPEDINDO-SE DAS PAISAGENS E DAS DIMENSÕES TRIDIMENSIONAIS QUE DIZEM...

Bhreenndo: NÃO ME ENTREGO SEM RELUTÂNCIA.

Du: MANDA A PORRA GCM ENTRAR! ELES VÃO VER SÓ!

Ambas: AS BACANTES FICAM!

Bhreenndo e **Du** começam a saltar, dançar e gritar em frenesi. A **Diretora (Mandú)** começa a gritar como uma cabra.

Diretora (Mandú): PHODEMOS!

Du: EVOÉ, BACO!

Diretora (Mandú): PHODEMOS!

Bhreenndo: EVOÉ, CTÔNIA!

Todas: PHODEMOS!

Todas as artistas entram em frenesi, entoando gargalhadas enlouquecidas, emitindo sons de cabras e bodes, assobios e gritos de guerra dos mais diversos. A pausa só parece chegar quando os pulmões e gargantas das artistas chegam ao limite. Após um longo momento, só resta silêncio e tensão.

2º ATO – CENA 04 – POETAS NA PORTA DO INFERNO

A cena é uma livre adaptação de “A Divina Comédia”, obra de Dante Alighieri, publicada em 1321. Nossa adaptação é baseada na tradução de Italo Eugenio Mauro.

Bhreenndo: Por mim se vai à cidade, por mim se vai à eterna dor, por mim se vai à perdida gente, a justiça moveu meu criador, que me fez com o divino poder, o saber supremo e o primeiro amor.

Du: Antes de mim, nada foi criado e, desde então, permaneço eterna. Eu quero ser escritora, quero e estou disposta a tomar na vida o lugar que mirei...

Bhreenndo: É com medo que começo a ler o artigo que firmou a responsabilidade do meu humilde nome. A continuação da leitura é então um suplício, tenho essa vontade de chorar e de matar, quero o suicídio!

Du: Todos os desejos me passam pela alma e todas as tragédias eu vejo diante dos meus olhos! Então salto da cadeira, atiro um jornal ao chão, rasgo a minha carne... É UM INFERNO!

Bhreenndo: Várias línguas já cantaram blasfêmia, escárnio e maldizer sobre a espécie humana!

Du: Para a pátria, o tempo e a origem, deixo este diário em aberto! Inventava a cor das vogais...

Bhreenndo: “A” era negra, o “E” era sempre branco! O “I” era vermelho, “O” era azul e o “U,” era verde. Regulava a forma e o movimento de cada consoante e, com meus grandes ritmos instintivos, me vangloriava de roubar o verbo, escrevia noites, fixava vertigens!

Du: Via fácil uma mesquita no lugar de uma fábrica, uma aula de tambores ministrada por anjos, carruagens nas rotas da pele, um salão de carrancas no ar, rios flutuantes...

Bhreenndo: OS MONSTROS, OS MISTÉRIOS, UM TÍTULO DE COMÉDIA!

Du: Há muito me gabava de possuir todas as paisagens possíveis. Amava o Lavrado! Os poucos lugares rasteiros e úmidos que ainda sobreviviam ao Sol, os rios que eram brancos como o trigo... eu amava mesmo era banhar nos igarapés! Sentir as piranhas nos pés, ver os lagartos e tamanduás tranquilos nas savanas, entre cavalos selvagens e plantas que nem sei nomear.

Bhrenndo: Arrastei-me por essas ruelas fedorentas e, de olhos fechados, me ofereci ao Deus do Fogo. General, se sobrar algum canhão em seu forte em ruínas, nos atire seus torrões de terra! Faça a cidade comer poeira, enferruje as bicas, traga para o Inferno a rocha, o carvão e o ferro.

Ambas: QUE EU DURMA! QUE EU FERVA NOS ALTARES DO SALOMÃO!

Du: Os centauros, as górgonas, os juízes...

Bhrenndo: As santas virgens, valquírias e as harpias...

Du: De negros vales vem correndo em rio, o Estige, o Aqueronte, o Amazonas, o São Francisco e o Paraíba do Sul.

Bhrenndo: Como hereges e adivinhos, não rapsodos, sequer poetas...

Ambas: O sangue pagão retorna.

Bhrenndo: Aguardo Deus com gula. Sou de raça inferior por toda a eternidade.

Du: Por ora sou maldito, tenho horror da pátria! Punidos aqui estão todos os que foram violentos contra Deus, portanto, contra o Estado e a Família!

Bhrenndo: Tomem nota! A divisão do desenvolvimento, da consciência e da autonomia humana conjecturam essa nossa vida ao redor da mecânica vocabular de reviver o trauma nas correntezas da culpa!

Du: Teocracia, heroísmo, antropologia, metaforismo, beleza, filosofismo e, por conseguinte, a diversão filológica, resultado de nossa constante exposição ao algoritmo do Instagram.

Diretora (Mandú): GENTE ESTRANHA, GRAVE BEM: eu sepulto cadáveres em meu ventre para que poetas mortos cedam seu lugar aos vivos! Que essa espessa muralha ocultista desmorone sobre todos os impotentes que consomem suas vidas medíocres em abstenções e ameaças vãs, os farsantes! Revolucionários que não revolucionaram nada!

Ambas: DEIXAI, VÓS QUE ENTRAIS, TODA ESPERANÇA!

2º ATO – CENA 05 – SOM E FÚRIA

A cena é uma livre adaptação de “Macbeth”, obra de William Shakespeare, publicada em 1623. Nossa adaptação é baseada na tradução de Bárbara Heliodora.

Diretora (Mandú): ELA DEVERIA TER MORRIDO MAIS TARDE.

Soa um acorde lento e pesado ao fim da frase. **Du** e **Bhreenndo** se arrastam pelo chão com microfones em mãos.

Haveria um tempo para tal palavra... amanhã, amanhã e amanhã, arrastam-se nesse passo miúdo dia após dia, até a última sílaba do tempo narrado.

Silêncio ensurdecedor.

A nós, os tolos, todos esses ontens iluminaram o caminho ao pó da morte.

Bhreenndo lança um grito longo de lamúria e dor.

Apaga, apaga o lume passageiro...

Du lança um segundo grito de lamúria.

A VIDA É APENAS UMA SOMBRA ERRANTE!

Um heavy metal toma conta da cena. **Du** e **Bhreenndo** gritam de maneira estridente sem pausas, como em um exorcismo.

Um mau ator, a se pavonear e afligir no seu momento sobre o palco e, do qual, nada mais se ouve...

Após alguns momentos, o som brutal e estridente dos instrumentos de **Gabs** e **Will** começa a desaparecer gradualmente. Há, então, uma longa pausa. A **Diretora (Mandú)** retira sua máscara.

É uma história, contada por um idiota, cheia de som e fúria, significando nada.

2º ATO – CENA 06 – À MARGEM DA HISTÓRIA

A cena cita “À margem da história” e “Os Sertões”, obras de Euclides da Cunha, publicadas, respectivamente, em 1902 e 1905.

Diretora (Mandú): Há, naquela sociedade, os vícios frequentes dos grandes deslocamentos sociais. Assim como nos princípios do Velho Oeste norte-americano, toda a propriedade mal distribuída se dilata nos latifúndios e concentra-se economicamente nas mãos de um número restrito de pessoas.

O rude trabalhador, quer esse resulte do “Homem da Lagoa Santa” cruzado com o pré-colombiano dos “sambaquis”, ou se derive de cruzamentos com alguma raça invasora do Norte, é duramente explorado, vivendo do pedaço de terra em que pisa longos anos, exigindo urgentes providências legislativas. A justiça é, naturalmente, nula.

Ambas: O HOMEM, O ALFA E ÔMEGA, O MESTRE: EUCLIDES DA CUNHA!

Bhrenndo e **Du** tornam a cena uma paródia passivo-agressiva de sala de aula.

Bhrenndo: Autor que também escreveu “Os Sertões”.

Du: Livro adaptado pelo Teatro Oficina Uzyra Uzona no início dos anos dois mil, resultando em uma pentalogia de quase trinta horas, que talvez seja o Magnum Opus do Teatro Paulista!

Bhrenndo: Só que muito antes disso, tivemos “O Guarani”, de José de Alencar, o glorioso “Pai da literatura brasileira”! Seu texto foi adaptado para ópera por Carlos Gomes.

Du: A ópera estreou em 1870, no prestigiado Teatro Alla Scala, em Milão, na Itália! Esse foi o primeiro grande sucesso internacional de um compositor brasileiro... Nossa arte erudita, finalmente eternizada no glorioso berço do fascismo!

Bhrenndo: Também temos “Macunaíma”, de Mário de Andrade. Aquele viadinho de cor que morreu no armário, sendo retratado como branco nas pinturas de seus coleguinhas modernistas.

Du: Esse livro foi adaptado em 1978 por Antunes Filho, se tornando um marco no teatro brasileiro, revolucionando a linguagem cênica e abrindo caminho para o Centro de Pesquisa Teatral!

Bhreenndo: Revisitar essas obras... estudar esses textos... ler o que se derivou deles... é como ver fiéis refazendo os passos do Padre Anchieta.

Du: Uma peregrinação anual que impressiona mais pela insistência de reafirmar um valor do que por qualquer outra coisa que se possa alegar. O contexto histórico se confunde com a galhofa de uma devoção que é atemporal, mesmo que sem propósito! É repetição pela repetição.

Bhreenndo: Sejamos honestos, eles poderiam muito bem escrever Cartas Jesuíticas. A maioria dos seus estudiosos ainda não percebeu, mas todos esses grandes patronos são quase sempre escritores brincando de bandeirantes, quando não bandeirantes brincando de escritores.

Du: Só não pense que nós nos ofendemos com isso, na verdade achamos fofa toda essa colonização do simbólico, do semiótico... é isso que permite que essa peça exista! É isso que mostra como o fetiche de vocês sempre vai esbarrar em nós, dando a volta na história só para se repetir novamente.

Bhreenndo: Não importa se estamos sendo idealizadas, aclamadas ou detratadas na obra da vez, a verdade é que vocês só pensam em fuder com a gente.

Du: A verdade é que nós somos muito piores do que eles poderiam retratar.

Bhreenndo: Muito mais sujas do que vocês poderiam acreditar.

Du: Eles não tiveram que separar o sangue do óleo em nossa nascente, nunca cuidaram das crianças que foram embora, boiando na bacia do afluente.

Bhreenndo: Eles não olharam nos olhos de quem botou mercúrio no peixe e espalhou a morte até longe... rio abaixo, bem rio abaixo.

Du: Não viram o nascimento de nossas criancinhas, as que são arrastadas até as fronteiras pra nunca mais aparecer.

Bhreenndo: Não viram virar moças aquelas nossas menininhas, as que são servidas para o alívio dos homens nas cozinhas do garimpo.

Bhreenndo e **Du** fazem uma longa pausa e começam a rir descontroladamente.

Du: MAS TAMBÉM NÃO PROVARAM CARNE HUMANA SEM TER FOME!

Bhreenndo: NÃO TÊM NO CORPO A MEMÓRIA MOLECULAR DOS QUE JÁ SE FORAM!

Du: NÃO VIVERAM SEIS MESES DE CALOR EXTREMO, CINICAMENTE SEGUIDOS DE SEIS MESES DAS MAIORES TEMPESTADES!

Du entra em um longo transe, dando seu próximo texto em sons de um corpo elétrico.

NÃO RESISTIRAM A TODAS ESSAS ANTIGAS FORÇAS TRANSCENDENTAIS QUE, SEM PIEDADE, DESOLAM TODA E QUALQUER FUNDAÇÃO FRÁGIL.

Bhreenndo, como quem é atingido pela loucura de Hera, prossegue aos berros.

Bhreenndo: NÃO VIVERAM AQUELA VIDA DE ANTES, QUE ANTECEDE A INVENÇÃO DO PECADO! POR ISSO, ELES TEMERAM MORRER TODOS OS DIAS E NÃO PUDERAM ENCARAR ALEGREMENTE O OLHO DE UM CANHÃO SÓ PARA CANTAR, BERRANDO A PLENOS PULMÕES:

Ambas: SIM SENHORES, SOU UM CÃO SODOMITA.

Bhreenndo e **Du** cruzam seus olhares. Em seus corpos impera a fome das multidões de miseráveis que vagam silenciosas pelo além. O tom é mórbido.

Du: Não conhecem o devir das mutações, mantêm seus pobres corpos mutilados e demasiadamente humanos. Vivem apartados dos animais, plantas e minerais, que são tantos e tão diversos que não se poderia nomear em uma vida!

Bhreenndo: Não habitam tepui e wazaká. Não alcançam a morada daqueles que são mais antigos que os deuses, que cortam o tronco da árvore de todas as frutas e vivem no grande monte que toca os céus e cospe cachoeiras!

Ambas: COM O FULMÍNEO SIBILO QUE A TUDO DESENLAÇOU!

2º ATO – CENA 07 – ÁRVORE DE TODOS OS FRUTOS

A cena inicia com uma livre adaptação de “Macunaíma, o herói sem nenhum caráter”, obra de Mário de Andrade, publicada em 1928.

Diretora (Mandú): No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma. Era preto retinto, filho do medo. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande no Rio Uraricoera, pois a indiazinha pariu uma criança feia. Já na meninice fez coisas de impressionar, passou mais de seis anos não falando e, quando o incitavam a falar, só exclamava:

Ambas: AI! QUE PREGUIÇA!

Bhreenndo e **Du** explodem em gargalhadas.

Bhreenndo: É genial! Ter a oportunidade de ver um autor negro dominar a linguagem dos brancos com tamanha maestria!

Du: Ao ponto de transformar um ser atemporal em um simples "malandro"...

Bhreenndo: Eternizando uma figura central de uma cosmologia indígena, que cobriu o mundo com fartura e abundância, em um “preguiçoso”, um "sem caráter"...

Du: Escrevam! Dominem a palavra ! O feitiço da palavra dos escritores não é diferente do nosso!

Bhreenndo: Atores, atrizes e atozes, nefastas criaturas que vivem de surrupiar existências alheias, traindo toda e qualquer vivência, principalmente a própria!

Du: MÁRIO DE ANDRADE NOS ENSINA!

Bhreenndo: ELE GENEROSAMENTE NOS APRESENTA A FÓRMULA PARA UM ARTISTA DISSIDENTE SE ETERNIZAR NO PANTEÃO DOS GRANDES MARCOS DA CULTURA:

Ambas: SEJAM ESPECULADORAS!

A cada frase, as gargalhadas de **Bhreenndo** e **Du** passam de debochadas para sádicas.

Du: Especule, celebrem como o livro estetiza a natureza, ignore os conflitos e toda a violência contra os povos indígenas.... goze desse mecanismo fascinante para falsear a história...

Bhreenndo: Isso nos ensina muito... Sem dúvidas nos ajuda na compreensão de como a cultura trata os indígenas, os nortistas, os caboclos, ribeirinhos, ciganos e tantos outros até os dias de hoje. QUE EXPERIÊNCIA VALIOSA!

Du: Todas as obras ridículas que uma curadoria qualquer vai validar como “legítimos produtos de uma expressão de brasilidade”.

Bhreenndo: Livros e peças sobre uma Amazônia que não existe longe da palavra escrita e enfeitada...

Du: Uma exposição de cocares em alguma galeria de terceira, os retratos de corpos marcados por “pinturas étnicas” num grande circuito do sistema S.

Bhreenndo: Algum grafite genérico dizendo que o brasil é terra indígena! Um lindo mural que vai se tornar um viral no Instagram, só pra ser esquecido no dia seguinte!

Du: Os documentários que se propõe realistas, mostrando todas essas violências daquele pedaço de lugar nenhum! Obras dissidentes que se apresentam como contraponto dessa produção colonial...

Bhreenndo: Um contraponto tão frágil, que na verdade produz um ciclo onde um circuito alimenta o outro, até que seja impossível distinguir quem é o “outro” e quem é o “um”!

Du: NOSSA PEÇA! Estará à margem da história, será esquecida? Será alvo da correção pública? Perseguida e censurada... Terá a sorte de virar uma nota de rodapé? Um bom exemplo para quando representantes de movimentos sociais ministrarem cursos, citando obras que foram desserviços para pautas importantes ao banalizar os corpos e vivências de grupos tão, mas tão vulneráveis?

Bhreenndo: Poderia ser ao menos um asterisco na história do teatro? Um clássico underground que meia dúzia de pessoas viu, mas que foi recontado tantas vezes que se converteu em um mito cult?

Du: Esse meu corpo de putinha exótica vai estar na sua próxima punheta? Você vai acariciar a cabeça do seu pau lembrando de cada um dos meus trejeitos de ninfeta?

Bhreenndo: Quando estiver em casa, vai me apagar da sua memória... ou vai usar um vibrador até suas pernas falharem? Vai chamar o nome do “índio do pau grande” que viu naquela peça esquisita para qual uma amiga te arrastou? Aquela que você não parou de reclamar do quanto odiou?

Du: Eu vou ser uma base pro gestural para sua próxima pintura? Meus olhos amendoados vão estar na personagem da sua próxima animação? Você vai baixar o teaser da peça para ver o meu cuzinho?

Ambas: A personagem dela!

Bhreenndo e Du apontam para a **Diretora (Mandú)**.

Bhreenndo: Vai ser uma referência não assumida do seu próximo texto?

Du: Sua voz de trovão e suas risadas histéricas vão te ajudar a compor sua próxima personagem?

Bhreenndo: Seu sadismo vai alimentar seu próximo curta, sua próxima exposição?

Diretora (Mandú): Ou eu vou ser só um lembrete do que nunca fazer? Um bom exemplar de metalinguagem e intertexto utilizados da pior maneira possível? Seria eu apenas uma demonstração perfeita do que acontece quando um recurso cênico cresce demais? Eu ocupo muito espaço na cena, quebro sua falsa imersão? Eu sou a manifestação do ego de uma artista medíocre que faz questão de dominar sua obra em todas as pontas? Eu, canivete-suíço: atuando, dirigindo, escrevendo e fudendo pra caralho cada uma dessas funções mal executadas?

Bhreenndo e Du vestem os mantos que até então estavam nos manequins, imaculados, ignorados por toda a apresentação.

Du: Talvez. É provável que sim. E talvez... isso seja bom!

Bhreenndo: Só que nada disso importa, pelo menos não ainda.

Du: Ainda há muito a fazer antes que isso importe, por enquanto basta dizer que...

Ambas: VOCÊ ESTÁ ASSISTINDO, COSMOS: CORPO-RIO EM CRUZO!

EPÍLOGO – MANIFESTO COSMOS

Após uma grande pausa, a **Diretora (Mandú)** declama o **1º Manifesto do Núcleo Abantesma**.

Antes das palavras, as experiências não tinham nomes e, portanto, corpo, mente, espírito e todas as demais mutilações produzidas para nomeá-las são frágeis diante da verdade das águas.

Nosso desejo nasce do inominável, experiência coletiva que nos permite criar contra toda a autoridade, força primordial que não pode ser silenciada pela morte da matéria ou pelo apelo da palavra.

Nada nos prende às convenções de quaisquer coisas que se tenha aprendido a nomear.

NÃO SE ILUDAM:

Não temos qualquer apreço pelo conceito de arte.

Atuamos pela morte da cultura.

Não somos reféns da política ou da moral.

Abandonamos todo e qualquer senso de obrigação ou propósito.

GRAVEM BEM:

Se insistem em chamar o que fazemos de “artes do corpo”, por conveniência podemos nos apresentar, pontualmente, como artistas da cena, performers e prostitutas, mas o que somos realmente é a desgraça reservada aos que não tem nome.

Se precisarem nos encontrar, estamos em todos os lugares.

Se sentirem alguma necessidade de registrar esta nossa existência no campo acadêmico, editorial ou curatorial, se refiram a nós apenas como **ABANTESMA**, pois **ABANTESMA** é **COSMOS: CORPO-RIO EM CRUZO**.

REFERÊNCIAS

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. *O espírito da floresta*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023.

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2015.

ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. Tradução de Italo Eugenio Mauro. São Paulo, SP: Editora 34, 1998.

ARTAUD, Antonin. *O verbo roubado: textos escolhidos*. Tradução de Mayara Dionizio. São Paulo, SP: Sobinfluência Edições, 2024.

ARTAUD, Antonin. *Para acabar com o juízo de Deus*. Tradução de Olivier Dravet Xavier. Belo Horizonte, MG: Moinhos, 2020.

ARTAUD, Antonin. *O teatro e seu duplo*. Tradução de Teixeira Coelho. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2006.

BACHELARD, Gaston. *A psicanálise do fogo*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BAKHTIN, Mikhail M. *O discurso no romance*. In: BAKHTIN, Mikhail M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. p. 71-210. Original de 1934-1935.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. *Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude*. São Paulo, SP: n-1 edições, 2022.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2003.

CABRAL, Amílcar. *A arma da teoria*. Lisboa: Nova Aurora, 1976.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo, SP: Ateliê Editorial, 2002.

CUNHA, Euclides da. *À margem da história*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo, SP: Editora 34, 1995.

ÉSQUILO. *Os persas*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2002.

EURÍPIDES. *As bacantes*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2002.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo, SP: Elefante, 2017.

FIOROTTI, Devair; ESBELL, Jaider. *Urihi: nossa terra, nossa floresta*. São Paulo, SP: Patuá, 2017.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância); FBSP (Fórum Brasileiro de Segurança Pública). *Violência contra crianças e adolescentes na Amazônia*. Brasília, DF: UNICEF; FBSP, 2025.

GOLDEMBERG, Deborah (org.). *Makunaimã: o mito através do tempo*. São Paulo, SP: Editora Elefante, 2019.

HILST, Hilda. *O caderno rosa de Lori Lamby*. São Paulo, SP: Globo, 2005.

HILST, Hilda. *Contos d'escárnio / textos grotescos*. São Paulo, SP: Globo, 2002.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro, RJ: Cobogó, 2019.

LEHMANN, Hans-Thies. *Teatro pós-dramático*. Tradução de Pedro Sússekind. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

LIMA, Diane (org.). *Negros na piscina: arte contemporânea, curadoria e educação*. São Paulo, SP: Fósforo, 2024.

MADONNA. *Sex*. New York, NY: Warner Books; Maverick; Callaway, 1992.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar*. Belo Horizonte, MG: Mazza Edições, 2021.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Tradução de Renata Santini. São Paulo, SP: n-1 edições, 2018.

MCRUER, Robert. *Teoria crip: signos culturais entre o queer e a deficiência*. Tradução de Fernando Bruno Vieira. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2020.

MILTON, John. *Paraíso perdido*. Tradução de Paulo Matos Peixoto. São Paulo, SP: Martin Claret, 2006.

MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro, RJ: Cobogó, 2021.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2007.

NÚCLEO ABANTESMA. *COSMOS: CORPO-RIO EM CRUZO*. Dramaturgia de Henri Ferraz e Mandú Carvalho. 1. ed. São José dos Campos: Núcleo Abantesma, 2026.

NÚCLEO ABANTESMA. *Corpos dissidentes na arte joseense*. 1. ed. São José dos Campos: Núcleo Abantesma, 2026.

PIRANDELLO, Luigi. *Seis personagens à procura de autor*. Tradução de Sérgio Flaksman. São Paulo: Peixoto Neto, 2004.

PRECIADO, Paul B. *Manifesto contrassexual*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo, SP: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul B. *Dysphoria mundi: report on the world state*. Cambridge, MA: MIT Press, 2022.

RIMBAUD, Arthur. *Voyelles*. In: RIMBAUD, Arthur. *Œuvres complètes*. Edição estabelecida por André Guyaux, com a colaboração de Aurélia Cervoni. Paris: Gallimard, 2009

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo, SP: n-1 edições, 2018.

SHAKESPEARE, William. *Macbeth*. Tradução de Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2010.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro, RJ: Mórula, 2018.

SIMAS, Luiz Antonio. *O corpo encantado das ruas*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2019.

SÓFOCLES. *Antígona*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2002.

SÓFOCLES. *Electra*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2002.

TORRES, Diana J. *Pornoterrorismo*. Tafalla: Txalaparta, 2011.

TSING, Anna Lowenhaupt. *O cogumelo no fim do mundo*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo, SP: n-1 edições, 2019.

YOUNG, Fernanda. *A mão esquerda de Vênus*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2016.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção e leitura*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2007.



EM MEMÓRIA DE **DEVAIR FIOROTTI** (1971-2020)

Companheiro, nosso devaneio preferido. Sem você, não existiríamos. Palavras como amor e saudade não bastam para nomear a imensidão de sentimentos que você desperta.



EM MEMÓRIA DE **JAIDER ESBELL** (1979-2021)

Referência, colega querido e vizinho de generosidade infinita. Agradecemos diariamente por sua existência, pelo carinho com que nos recebia em sua casa e pelo privilégio de conhecer seu processo criativo.

A18



REALIZAÇÃO FINANCIAMENTO



fmc

FUNDO MUNICIPAL
DE CULTURA



FUNDAÇÃO CULTURAL
CASSIANO RICARDO



PREFEITURA
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

**CORPO-RIO EM CRUZO, PROJETO N.º 029/2025.
BENEFICIADO PELO FUNDO MUNICIPAL DE CULTURA
VIA EDITAL 008/P/2025 – JOVENS ARTISTAS.**

O conteúdo desta obra é de responsabilidade exclusiva das autoras e não representa a opinião dos membros do Conselho Gestor do Fundo Municipal de Cultura ou da Fundação Cultural Cassiano Ricardo.

